

Jornal da Tarde

21/7/1986

O campo é o alvo central da CUT

Para Meneguelli, as greves urbanas não são mais a tarefa principal.

Embora pertençam ao setor urbano, os metalúrgicos do ABC podem representar o cano-chefe de uma grande mobilização da Central Única dos Trabalhadores pela reforma agrária. Ainda que a bandeira de luta dos movimentos grevistas que englobaram quase 18 mil metalúrgicos do ABC na última semana seja aumento real de salários, Jair Meneguelli, presidente nacional da CUT, ressalva: "Não podemos ficar o resto da vida nos mobilizando por melhores salários. Trabalhadores da cidade e do campo tem que estar juntos para atingir o ponto principal, que é a questão agrária."

Para Meneguelli, "nada mobiliza tanto a classe trabalhadora como aumento dos ordenados e esta é a reivindicação certa num momento em que os salários estão arrochados, enquanto a produtividade das empresas cresce". No entanto, o dirigente aponta a atual tarefa da Central: "Nós da CUT temos que mostrar ao trabalhador da cidade o quanto é importante a reforma agrária."

A Central Única dos Trabalhadores também não quer "cair no equívoco de marcar a data da greve para depois organizar os operários", segundo Meneguelli. Afinal, o plano de estabilização econômica, fazendo atraente congelamento dos preços, foi implantado no exato momento em que as lideranças sindicais dos metalúrgicos desencadeavam a campanha salarial.

Os metalúrgicos começam agora, depois de quatro meses de reforma econômica, a se mobilizar por aumentos salariais de 20 a 40%. "Queremos participação nos lucros que as empresas estão tendo exatamente em função do Plano Cruzado", justifica Meneguelli.

Antes de embarcar para Brasília, o dirigente da CUT desconhecia o tema da reunião de hoje com Pazzianotto, mas foi taxativo ao afirmar que "nenhuma decisão do governo vai conseguir enfraquecer a CUT".

Greve e represália

A orientação da Fiesp já começou a ser atendida pela Ford, que suspendeu 13 dos 29 membros da comissão de fábrica de São Bernardo do Campo, onde a produção está paralisada desde terça-feira. Ainda como represália à greve, a montadora demitiu 94 grevistas (114, segundo o sindicato). O movimento será julgado hoje pelo TRT.

A greve na Ford começou segunda-feira passada no setor de montagem de motores e câmbios, onde 113 operários protestavam contra o afastamento de um membro da comissão — Luís Carlos Rodrigues — em função de suposto envolvimento na agressão a um trabalhador durante piquete no dia 14 de junho. O movimento alastrou-se no dia seguinte, ganhou a adesão dos mensalistas quarta-feira, totalizando 12 mil grevistas, que resolveram incluir mais um item na pauta de reivindicações: 20% de aumento real.

A direção da Ford avisa que qualquer negociação deve ficar por conta do sindicato que representa todas as montadoras — o Sinfavea, que por sua vez, alega que as negociações trabalhistas são coordenadas pela Federação das Indústrias. Enquanto isso, a Ford já deixou de montar 1 330 automóveis e 200 tratores, perdendo cerca de Cz\$ 180 milhões em faturamento. Além disso, na fábrica do bairro do Ipiranga, em São Paulo, 480 caminhões estão incompletos, estocados nos patos da montadora por falta de componentes, que são fabricados na unidade de São Bernardo do Campo.

A prevalecerem as previsões dos sindicalistas, o movimento por melhores salários deverá ser ampliado esta semana. Serão realizadas assembléias às portas de fábrica.

A primeira da lista é a Volkswagen, onde a montagem diária dos modelos Santana e Quantum já diminuiu em função da falta de coletores de admissão e de escape para motores 1.8 refrigerados à água, fornecidos pela Sofunge, de São Paulo, onde os cinco mil empregados também estão em greve.

Outras greves

Embora já decretada ilegal pelo TRT, a paralisação dos 4.900 horistas da Brastemp entra hoje no sétimo dia. A empresa deixou de fabricar cerca de 16 mil eletrodomésticos e a Justiça já liberou reforço policial para garantir que entrem na fábrica os funcionários dispostos a trabalhar.

Também continuam em os 400 ferramenteiros da Mercedes-Benz. Eles estão parados desde o dia 10, por melhorias salariais, da mesma forma que os operários da Injecta e da Engopal, de Diadema, num total de 480 trabalhadores. Os 450 da Forjaria São Bernardo decidiram no final de semana engrossar o movimento e parar o serviço a partir de hoje. Também os 600 químicos da Ferro Enamel, de São Bernardo do Campo, pararam sexta-feira reivindicando 20% de aumento real.

Se o presidente do Sindicato dos Químicos, Agenor Narciso, também da direção nacional da CUT, estiver cano, a mobilização por melhores salários nesta semana não terá à frente apenas os metalúrgicos.

(Página 12)